

Revisitando dois amores de Riobaldo

Claudia Campos Soares*

Resumo

Neste texto, discute-se o amor de Riobaldo por Otacília e Diadorim, buscando identificar o papel que cada um deles representou na trajetória do ex-jagunço. A partir da leitura de trechos do livro, foi possível perceber que, pelo ex-companheiro de jagunçagem, Riobaldo experimentou o chamado amor-paixão, aquele que não obedece ao bom senso e às determinações do eu consciente, pois se impõe, inexoravelmente, a despeito dos impedimentos que possam se colocar para os amantes. Otacília, entretanto, não ocupa um lugar menos destacado na trajetória de Riobaldo. Por ela, o ex-jagunço experimenta o amor possível no plano da vida cotidiana. Nesse sentido, pode ser visto como rebaixado em relação ao amor-paixão, que almeja o ilimitado; de outra perspectiva, contudo, pode significar elevação, uma vez que integra amor, casamento e amizade.

Palavras-chave: *Grande sertão: veredas*; amor; Otacília; Diadorim.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Doutora em Literatura Brasileira pela USP.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7192-5092>.

Revisiting Riobaldo's Two Loves

Abstract

This text discusses Riobaldo's love for Otacília and Diadorim, seeking to identify the role each played in the *ex-jagunço's* trajectory. By reading excerpts from the book, it was possible to notice that Riobaldo felt for his former gunman companion what is known as passionate love, the kind of love that disregards common sense and dictates the conscious self, imposing itself inexorably, despite any obstacles that may arise for the lovers. Otacília occupies a no less prominent place in his trajectory, though. The love Riobaldo feels for her is the one that is possible in everyday life. In this sense, it can be seen as debased in relation to passionate love, which longs for limitlessness; from another perspective, however, it can signify elevation, since it integrates love, marriage, and friendship.

Keywords: *Grande sertão: veredas*, love, Otacília, Diadorim.

Recebido em: 31/07/2025 // Aceito em: 14/04/2026

A certa altura da narrativa, Riobaldo, o narrador protagonista de *Grande sertão: veredas*, faz uma afirmação muito citada, tanto em trabalhos acadêmicos quanto em outros contextos:¹ “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (Rosa, 2006, p. 311).

Riobaldo teve o seu “pouquinho de saúde”, seu “descanso na loucura”, com algumas mulheres, dentre elas, as “mocinhas” do Curralinho: Miosótis, que tinha sido sua namorada “à parva, às tantices” (Rosa, 2006, p. 123), e, principalmente, Rosa’uarda, filha do negociante turco seo Assis Wababa. Foi Rosa’uarda quem, nas palavras de Riobaldo, ensinou-lhe

[...] as primeiras bandalheiras, e as completas, que juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, fiz com muito anseio e deleite. Sempre me dizia uns carinhos turcos, e me chamava de: – “Meus olhos.” Mas os dela era que brilhavam exaltados, e extraordinários pretos, duma formosura mesmo singular. (Rosa, 2006, p. 114-115).

Rosa’uarda é um dos principais motivos da afirmação de Riobaldo, que fecha o texto acima transcrito: “Toda a vida gostei demais de estrangeiro” (Rosa, 2006, p. 115).

Outra mulher a quem Riobaldo se refere carinhosamente como alguém com quem viveu grande “alegria [...], feito casamento, sponsal” (Rosa, 2006, p. 33), foi Nhorinhá, “a sem-mesquinhece, para todos formosa, de saia cor-de-limão, prostitutriz” (Rosa, 2006, p. 377). Embora tenham se encontrado fisicamente uma única vez, acontecimentos posteriores tornaram

¹ Como se sabe, muitos enunciados presentes nas obras rosianas podem ser considerados aforismos. Foi o que levou Paulo Rónai (1983) a reunir a sua *Rosiana*: uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa. Essas formulações breves, que enunciam princípios ou observações de valor universalizante, saíram dos livros e passaram a estar presentes em outras situações. Hoje em dia, esses aforismos rosianos podem ser encontrados, por exemplo, em placas sinalizadoras, nas paredes de alguns estabelecimentos e no artesanato das localidades que compõem o Circuito Turístico Guimarães Rosa, iniciativa do governo de Minas Gerais, que visa promover o turismo literário.

aquele encontro muito significativo. Em relação a ela, Riobaldo afirma: “eu deamei no passado, com um retardo custoso” (Rosa, 2006, p. 140). E assim se explica: “Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento” (Rosa, 2006, p. 99). Entretanto, oito anos depois de ter estado com a filha de Ana Duzuza, ele recebeu

[...] dela uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita, acho que, por outra alheia mão. [...] Mas a carta gastou uns oito anos para me chegar; quando eu recebi, eu já estava casado. Carta que se zanzou, para um lado longe e para o outro, nesses sertões, nesses gerais, por tantos bons préstimos, em tantas algibeiras e capangas. [...] veio trazida por tropeiros e viajores, recruzou tudo. Quase não podia mais se ler, de tão suja dobrada, se rasgando. [...] Uns não sabiam mais de quem tinham recebido aquilo. Último, que me veio com ela, quase por engano de acaso, era um homem que, por medo da doença do toque, ia levando seu gado de volta dos gerais para a caatinga, logo que chuva chovida. [...] Quando ela escreveu a carta, ela estava gostando de mim, de certo [...]. Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor. Nhorinhá, gosto bom ficado em meus olhos e minha boca (Rosa, 2006, p. 99-100).

Apesar das boas recordações que guarda dessas mulheres, principalmente de Rosa'uarda e Nhorinhá, os grandes amores de Riobaldo, aqueles que interferiram de forma determinante em sua travessia, foram Diadorim e Otacília.

Sobre Diadorim, é muito conhecida a sua importância na vida do ex-jagunço. Os sentimentos que experimentou no passado – e, de alguma forma, ainda experimenta no presente – pelo antigo companheiro de jagunçagem é uma das questões que mais perturbam o agora fazendeiro, que busca, com a narrativa

de seus (des)caminhos ao senhor instruído que veio da cidade, compreender o sentido do vivido. Tendo sido sempre “homem muito homem [...], e homem por mulheres” (Rosa, 2006, p. 146), Riobaldo não conseguia, e mesmo depois de muitos anos ainda não consegue, compreender como pôde ter se apaixonado por outro homem – que foi como Diadorim se apresentou para ele enquanto viveu – e de forma tão apaixonada.

De um acêso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre (Rosa, 2006, p. 39).

Como seria esperado em se considerando o seu meio, o sertão da jagunçagem, Riobaldo tem uma concepção de sexualidade restrita ao binarismo masculino/feminino, determinado biologicamente pelo sexo, e o desejo é condicionado à regra da heterossexualidade.² Ao contrário disso, se apaixona por aquele que se apresentou para ele como homem. Daí que seus sentimentos por Diadorim sejam escandalosos até para ele mesmo. Por isso, ele lutou muito até aceitar que o que sentia por Diadorim era “amor mesmo amor, mal encoberto em amizade” (Rosa, 2006, p. 289); foi impossível resistir aos seus apelos.

Outro trecho relevante em que se evidencia o desejo e o conflito:

2 É mesmo fora do meio sertanejo: “A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (Butler, 2003, p. 45).

Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele (Rosa, 2006, p. 182).

No trecho acima, o desejo se expressa de modo direto na primeira e na última frase, que compartilham o mesmo sujeito e o mesmo verbo, distinguindo-se apenas quanto ao objeto. Na segunda ocorrência, o objeto é uma ratificação da primeira: “Meu corpo gostava de Diadorim. [...] Meu corpo gostava do corpo dele” (Rosa, 2006, p. 182). O desejo também fica claro no impulso de Riobaldo para tocar o companheiro. Já o conflito se verifica no temor do então jagunço de que Diadorim tenha uma reação negativa e reprobatória, caso percebesse sua intenção. É o que demonstra o “gelo” que sentiu diante do olhar sério do companheiro. Essa sensação desconfortável, entretanto, tem mais a ver com a posição de Riobaldo diante do próprio desejo, pois, segundo suas palavras, Diadorim não percebeu esse seu arroubo que acabou contido.

Vale lembrar ainda este outro trecho do livro, num momento em que Riobaldo está expressando seu conflito por amar Diadorim: “nunca tive inclinação pra aos vícios desconstruídos. Repilo o que, o sem preceito” (Rosa, 2006, p. 146). Aqui se revela também que a questão tem a ver com o tipo de respostas que Riobaldo procura. Ele está em busca de explicações claras, unívocas, baseadas em oposições bem estabelecidas, mas acaba encontrando sempre o “sem preceito”: a ambiguidade e a indeterminação, conforme este outro trecho muito citado do livro:

[...] eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...” (Rosa, 2006, p. 221).

“Diadorim era um impossível” (Rosa, 2006, p. 491), afirma o ex-jagunço em outro momento. A consciência dessa impossibilidade, entretanto, não impede, nem sequer limita, o sentimento e o desejo. A luta entre eles fica, mais uma vez, evidente, neste trecho:

[...] Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos-vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. [...] Mas repeli aquilo. Visão arvoada. Como que eu estava separado dele por um fogueirão, por alta cerca de achas, por profundo valo, por larguez enorme dum rio em enchente. De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! (Rosa, 2006, p. 495).

Para Riobaldo, a beleza de Diadorim “reluz” e se estende para além dele, fazendo sombra sobre as coisas do mundo e espalhando doçura por toda parte. Não é menos explícito, no trecho acima, o conflito e a tentativa de resistir a esse “mau amor oculto”: “repeli aquilo”; “De que jeito eu podia...?” (Rosa, 2006, p. 495). Na percepção do ex-jagunço, havia entre ele e Diadorim obstáculos intransponíveis, como o indica o acúmulo de imagens que sugerem obstrução, entrave, distância que impede o encontro: o “fogueirão”, a cerca muito alta, o valo profundo

e o rio muito largo, ademais, tomado por uma enchente. Vale ainda chamar a atenção para o fato de essas imagens remeterem aos quatro componentes da matéria, segundo Aristóteles (1973, p. 220), citando Empédocles, em *Ética a Nicômaco*: o fogo (o fogueirão), o ar (a cerca que sobe “pelos ares”), a terra (o valo profundo, as entranhas da terra, ambiente ctônico) e a água (o rio largo, ademais tomado por uma enchente). É como se, para Riobaldo, tudo no mundo conspirasse contra a realização da aproximação amorosa entre ele e Diadorim.

Em outro momento, Riobaldo expressa-se desta forma sobre esse seu “mau amor oculto”: “De Diadorim eu devia de conservar um nojo” (Rosa, 2006, p. 316). E assim continua, explicitando o motivo de tal imperativo: “As prisões que estão refinçadas no vago, na gente” (Rosa, 2006, p. 316). Nessa segunda frase, o ex-jagunço parece lamentar a renúncia a que se sentia obrigado, devido a limitações que não são “originalmente nossas” (o “na gente” e o “nossas” generaliza a experiência), não nasceram conosco (ou seja, Riobaldo e nós, as pessoas em geral), vieram de fora e se incorporaram a nós: “estão refinçadas [...] na gente” (Rosa, 2006, p. 316). Ou, talvez mais propriamente, essas prisões nos precedem; nascemos sob a vigência delas, e, dessa forma, elas passaram a fazer parte do que somos. Elas são culturais, sociais, grupais, e dizem que Riobaldo devia ter nojo só de pensar em uma relação homossexual – e não, de maneira nenhuma, poderia se apaixonar por outro homem. Entretanto, essa imposição, ao mesmo tempo exterior e íntima, não consegue se sobrepujar o poder do amor e do desejo: “As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim” (Rosa, 2006, p. 37). Ou: “Como é que posso explicar ao senhor o poder de amor

que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim” (Rosa, 2006, p. 193).

Desde a primeira vez em que se encontraram, quando ambos tinham cerca de 14 anos, o então chamado somente “Menino” impressionou vivamente Riobaldo por sua independência (o Menino tinha dinheiro “de seu” para comprar rapadura e queijo, e para pagar o barqueiro pela travessia do São Francisco, o que fez sem sequer pedir autorização ao tio, a quem acompanhava na ocasião), sua autoconfiança e, principalmente, sua coragem. Enquanto Riobaldo, apavorado, se agarrava fortemente à canoa, num trecho onde as águas do rio eram mais turbulentas, o Menino, além de não demonstrar nenhuma inquietação diante da situação, perguntou ao novo amigo como era sentir medo, revelando, assim, que desconhecia esse sentimento. Foi o que demonstrou também ao enfrentar o intruso malicioso que quis se envolver em jogos eróticos com eles do outro lado do rio. A forte impressão que o Menino causou em Riobaldo é desta forma descrita por ele:

[...] eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito apazível. Porque ele falava sem mudança, nem intenção, sem sobejo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido (Rosa, 2006, p. 103).

Depois de o reencontrar, muito tempo mais tarde, Riobaldo não pôde deixar de segui-lo. Para isso, teve de renunciar, e o

fez sem nenhuma hesitação, à oportunidade de passar mais uma noite com a filha do Malinácio, mulher casada, com quem o filho de Selorico Mendes passara a noite anterior. Ela lhe pedira que esperasse, na casa do pai, pelo seu sinal de que o marido saíra para que Riobaldo pudesse voltar a visitá-la. Ele também abriu mão da tranquilidade que procurava ao abandonar o bando de Zé Bebelo. Um dos motivos por que o fez foi o fato de não lhe agradar, em suas palavras, “aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade” (Rosa, 2006, p. 135) – e lembremo-nos de que, àquela altura, ele sequer praticava essa violência, pois era somente o professor do chefe. Assim, passou a acompanhar o jagunço Reinaldo, nome pelo qual o Menino era agora conhecido, e tornou-se Riobaldo Tatarana, membro do bando do grande chefe Joca Ramiro, inicialmente sob o comando do subchefe Hermógenes, a quem o novo jagunço tanto odiaria logo a seguir:³

De seguir assim, sem a dura decisão, feito cachorro magro que espera viajantes em ponto de rancho, o senhor quem sabe vá achar que eu seja homem sem caráter. Eu mesmo pensei. Conheci que estava chocho, dado no mundo, vazio de um meu dever honesto. Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte (Rosa, 2006, p. 141-142).

3 Na verdade, Riobaldo já tinha tido um primeiro contato, que foi desagradável, com o Hermógenes, quando morava com o fazendeiro Selorico Mendes. O dito “padrinho” do então rapaz era um admirador de Joca Ramiro e recebeu seu bando numa certa madrugada muito marcante para Riobaldo. Entre os visitantes, estava o Hermógenes, que o ex-jagunço assim descreveu: “Hermógenes – homem sem anjo-da-guarda. Na hora, não notei de uma vez. Pouco, pouco, fui receando. O Hermógenes: ele estava de costas, mas umas costas desconformes, a cacunda amontoava, com o chapéu raso em cima, mas chapéu redondo de couro, que se que uma cabaça na cabeça. Aquele homem se arrepanhava de não ter pescoço. As calças dele como que se enrugavam demais da conta, enfolipavam em dobrados. As pernas, muito abertas; mas, quando ele caminhou uns passos, se arrastava – me pareceu – que nem queria levantar os pés do chão. [...] Naquela hora, eu estava querendo que ele não virasse a cara. Virou. A sombra do chapéu dava até em quase na boca, enegrecendo [...]” (Rosa, 2006, p. 116-117).

Riobaldo afirma várias vezes que não se sentia identificado com o modo de vida jagunço, como neste trecho: “eu não era jagunço completo, estava ali no meio executando um erro” (Rosa, 2006, p. 358).⁴ A despeito disso, entretanto, permaneceu no bando até o fim. Até tentou deixá-lo em algumas ocasiões. Certa vez, convidou Diadorim a fugir daquela vida errante e marcada pela violência, mas Diadorim olhou-o com um olhar espantado, como se duvidasse “da sua razão”, e respondeu com “um silêncio de ferro”. Diadorim “era irrevogável”, constata Riobaldo (Rosa, 2006, p. 183).

Depois de não conseguir convencer Diadorim, tentou, sozinho, deixar o bando pelo menos duas vezes, mas não conseguiu levar a cabo esse intento. Numa dessas ocasiões, não foi muito longe, pois Diadorim o seguiu e ele acabou voltando:

Um dia, sem dizer o que a quem, montei a cavalo e saí, a vão, escapado. Arte que eu caçava outra gente, diferente. E marchei duas léguas. O mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Eu tocava seguindo por trilhos de vacas. Atravessei um ribeirão verde, com os umbuzeiros e ingazeiros debruçados – e ali era vau de gado. “Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago...” – foi o que pensei, na ocasião. [...] O tanto assim, que até um corguinho que defrontei – um riachim à-toa de branquinho – olhou para mim e me disse: — Não... – e eu tive que obedecer a ele. Era para eu não ir mais para diante. [...] Apeei. [...] Então, deitei, baixei o chapéu de tapa-cara. [...] Dormi, deitado num pelego. [...] Mas eu estava dormindo era para reconfirmar minha sorte. Hoje, sei. [...] Quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo – Deus estável. Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim, me vigiava (Rosa, 2006, p. 288).

4 Embora também afirme o contrário outras vezes. Como vem sendo discutido aqui, *Grande sertão: veredas* é o reino das ambiguidades, da indeterminação, da impossibilidade de estabelecimento de sentidos unívocos. Entretanto, o incômodo com a violência nunca deixou completamente Riobaldo. Basta lembrar o conhecido episódio do homem, da égua e do cachorro que ocorre após o pretenso pacto com o demônio e com o algar de Riobaldo a chefe. No episódio, que, segundo João Adolfo Hansen (2012, p. 123), recria em solo sertanejo uma cena atribuída a Alexandre da Macedônia, Riobaldo busca formas de não exercer a violência que antes prometera por fanfarronada.

Nesse trecho, Riobaldo afirma que um elemento da natureza o impediu de prosseguir a viagem. Entretanto, tratava-se somente de um “riachim à-toa”. Ou seja, nem era um rio, mas um pequeno curso d’água (pois riacho), reduzido ainda pelo diminutivo e pela adjetivação: “à-toa”. Na verdade, ao contrário do que afirma o ex-jagunço, não se trata de um impedimento provindo do mundo físico, exterior, mas de uma (in)disposição íntima: Riobaldo queria, mas também não queria, partir. A indeterminação que se revela nas coisas do mundo também se apresenta no mundo interior do personagem.

Noutra ocasião, quando o bando estava sob o comando de Medeiro Vaz, Riobaldo se voluntariou para realizar uma tarefa que implicava deixar o bando por algum tempo; e, além disso, como companheiro de viagem, escolheu Sesfrêdo, ao invés de Diadorim, no que tudo indica ter sido mais uma tentativa de resistir à atração que sentia pelo companheiro, conforme a seguinte afirmação de Riobaldo: “eu não queria o que de certo queria” (Rosa, 2006, p. 64). Vale dizer: Riobaldo desejava ficar perto de Diadorim, mas, ao mesmo tempo, devido àquelas “prisões refinadas [...] na gente”, precisava resistir, em suas palavras, ao “delém que me tirava para ele” (Rosa, 2006, p. 29).

Riobaldo e Sesfrêdo cumpriram sua missão, mas o retorno foi impedido pela necessidade de fugir dos soldados do governo, que tentavam implantar a ordem no sertão sem lei, e do bando do Hermógenes. Os dois jagunços, então, acabaram se empregando numa lavra de mineração. Durante o longo período que passou longe do bando, Riobaldo pensou em abandonar de vez a jagunçagem e mudar de vida:

Por que não ficamos lá? Sei e não sei. Sesfrêdo esperava de mim toda decisão. [...] eu podia rever proveito, caçar de voltar dali para a casa-grande de Selorico Mendes,

exigir meu estado devido, na Fazenda São Gregório. [...] Assim e silva, como em outro tempo, adiante, podia flauteado comparecer no Buritis Altos, por conta de Otacília – continuação de amor. Quis não. Suas saudade de Diadorim? (Rosa, 2006, p. 70).

Percebe-se, novamente, a ambiguidade de sentimentos que Riobaldo experimenta. Embora lute contra aquele amor “sem preceito” – que não pode evitar, mas também não pode aceitar –, o desejo de estar com Diadorim acaba prevalecendo, pois Riobaldo, nesse momento, renuncia à fazenda de Selorico, de quem era herdeiro, e à Otacília, para voltar à vida que lhe trazia tanto desassossego. E isso acaba ficando claro durante o trajeto de volta, pois foi isso o que ele afirma ter sentido: “Demos no Rio, passamos. E, aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava, acoroçoado, de afogo de chegar, chegar, e perto estar” (Rosa, 2006, p. 72-73).

A luta íntima que Riobaldo experimenta por desejar Diadorim e ter de reprimir esse desejo parece ter relação com o nascimento do amor do ex-jagunço por Otacília. Há indicações fortes de que ele via no casamento com a moça que conheceu na Fazenda Santa Catarina o desejo de evadir-se de seus conflitos íntimos e daqueles intrínsecos à vida de jagunço – que compreendiam, além do terrível conflito decorrente de seus sentimentos por Diadorim, a necessidade de matar e de se expor à morte a todo momento. Ao contrário disso, a então moradora das Veredas Altas sempre significou para Riobaldo o sonho de uma vida tranquila e sem conflitos, “um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras...” (Rosa, 2006, p. 197). Otacília oferecia-lhe uma vida “com preceitos”, portanto. Em outro momento, o ex-jagunço opõe esse “significado de paz” a uma imagem de “braveza”, a das águas do rio Urucuia, situado

nas profundezas do sertão, que pode ser pensada como uma referência às lutas jagunças que se ali davam: “Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucuia, mas que é rio de braveza” (Rosa, 2006, p. 311).

Apesar de, em alguns momentos, se sentir tentado a reconstruir sua vida sob novos termos, Riobaldo jamais deixou o bando enquanto Diadorim viveu. Na verdade, para o então jagunço Tatarana, não havia propriamente opção. Seguir Diadorim era imperativo:

Sentimento preso. Otacília. Por que eu não podia ficar lá, desde vez? Por que era que eu precisava de ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais meus? Destino preso. Diadorim e eu viemos, vim; de rota abatida. Mas, desse dia desde, sempre uma parte de mim ficou lá, com Otacília. Destino. Pensava nela. Às vezes menos, às vezes mais, consoante é da vida. Às vezes me esquecia, às vezes me lembrava. Foram esses meses, foram anos. Mas Diadorim, por onde queria, me levava (Rosa, 2006, p. 198).

Foi por Diadorim que Riobaldo teria comprometido sua alma ao ir à encruzilhada das Veredas Mortas e invocar o demônio – o que teria permitido que ele se tornasse o temido chefe Urutú-Branco que conseguiu vingar a morte de Joca Ramiro. O então jagunço Tatarana buscou o pacto porque o via como única forma de derrotar o Hermógenes, que diziam ser também pactário. Derrotar o assassino do pai de Diadorim era condição *sine qua non* para libertá-lo do seu compromisso para com a jagunçagem.

O sentimento de Riobaldo pelo companheiro tem muito a ver com um tipo de amor tradicional na literatura do ocidente, o chamado amor-paixão, aquele diante do qual o eu consciente não

tem nenhum poder (Rougemont, 1988).⁵ Diante dele, todo bom senso e racionalidade sucumbem, pois se impõe a todo custo, a despeito dos obstáculos que se interponham entre os amantes. E é por ter estado como que “tomado” por esse sentimento que Riobaldo continuou seguindo Diadorim.

Devido àquelas “prisões que estão refinçadas no vago, na gente” (Rosa, 2006, p. 316), Riobaldo anseia por encontrar explicações para esse sentimento “sem preceito”. E encontra algumas, mas elas estão longe de se constituírem em respostas definitivas e inquestionáveis. O ex-jagunço afirma, por exemplo: “O corpo [...] muito sabe, adivinha se não entende” (Rosa, 2006, p. 29). E se pergunta, a certa altura: “Como é que se pode gostar do verdadeiro no falso?” (Rosa, 2006, p. 61). Questões como essa levantam a possibilidade de que Riobaldo teria se apaixonado por Diadorim porque intuía o “verdadeiro” que a aparência masculina, “falsa”, do amigo esconderia – e o “corpo” (de Riobaldo) adivinharia. Mais uma vez, notamos, aqui, o binarismo masculino/feminino fundado na diferença sexual. Entretanto, Diadorim não é mulher simplesmente porque seu órgão sexual é feminino. Alguns críticos consideram que a “verdade” sobre Diadorim é que ele era uma mulher. Antonio Candido (2014), por exemplo, assim considera o personagem, uma vez que afirma que o então jagunço, ao se apaixonar por Diadorim, se apaixonara pelo “certo”: o fato de ele ser uma mulher. Entretanto, o gênero não é definido pelo sexo. Como observa Butler (2014, p. 269), não há “determinismo causal entre sexualidade e gênero”.

Vale a pena observar, ainda, que Riobaldo coloca a questão como pergunta, sem dar a ela nenhuma resposta. Talvez, porque,

5 Rougemont discute o amor-paixão a partir do mito de Tristão e Isolda.

mais que a verdade sobre Diadorim, a resposta positiva seria uma justificativa tranquilizadora para seus sentimentos, uma explicação aceitável para o seu escandaloso desejo.

Como sabemos, o narrador-protagonista de *Grande sertão: veredas* acabou se casando com Otacília, mas somente quando, de certa forma, a vida decidiu por ele, tirando-lhe Diadorim. Talvez, seja possível pensar numa dimensão compensatória dos sentimentos de Riobaldo por Otacília, mas isso não significa dizer que o ex-jagunço não amou/ama Otacília, nem que ela tenha pouco valor para ele, ou menor importância em sua vida. Afirma ele, a certa altura, referindo-se a um momento dos tempos de jagunçagem depois de a ter conhecido:

Otacília – me alembrei da luzinha de meio mel, no demorar dos olhares dela. Aquelas mãos, que ninguém tinha me contado que assim eram assim, para gozo e sentimento. O corpo – em lei dos seios e da cintura todo formoso, que era de se ver e logo decorar exato. E a doidice da voz: que a gente depois viajasse, viajasse, e não faltava frescura d’água em nenhuma das léguas e chapadas... Isso tudo então não era amor? Por força que era (Rosa, 2006, p. 488).

Nesse trecho, Riobaldo também coloca o amor por Otacília como pergunta, mas responde, e com convicção: “Por força que era”. E o que se revela mais tarde para ele é que tomou a decisão correta ao casar-se com ela: “me casei, não podia ter feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira – o senhor conhece, o senhor sabe” (Rosa, 2006, p. 603). O elogio à mulher é recorrente no livro: “Otacília. O prêmio feito esse eu merecia?” (Rosa, 2006, p. 158); “De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças” (Rosa, 2006, p. 24); “Minha mulher, que o senhor sabe,

zela por mim: muito reza. Ela é uma abençoável” (Rosa, 2006, p. 15); “Gosto de minha mulher, sempre gostei, e hoje mais” (Rosa, 2006, p. 99).

Foi essa dimensão do amor de Riobaldo por Otacília que, provavelmente, levou Benedito Nunes (2013, p. 42) a ver na união entre os personagens o ponto final da errância de Riobaldo, *telos* de sua travessia: sendo o “símbolo do termo onde finda a busca amorosa e o destino se completa”, a “dama inspiradora” de Riobaldo, que representaria a mediação para “uma outra vida – *vita nuova*”. Essa afirmação, entretanto, não é confirmada pelo livro; ela, na verdade, simplifica demasiadamente a complexidade dos sentimentos de Riobaldo. Se Otacília fosse efetivamente o *telos* de seu caminho, não haveria angústias nem fantasmas a assombrar o ex-jagunço. Não haveria sequer o relato, uma vez que compreender as experiências perturbadoras que viveu é o objetivo da narração do ex-jagunço, e Diadorim está entre as mais inquietantes, certamente. Otacília, ao contrário, ocupa papel discreto no relato do ex-jagunço. Embora Riobaldo se refira, muitas vezes, a ela ao longo da narrativa, ele não costuma se demorar muito nas considerações que faz a seu respeito, com exceção dos momentos em que narra o primeiro encontro entre eles e, posteriormente, o reencontro na fazenda de seo Ornelas. Isso ocorre porque Otacília não é um problema para ele, não lhe traz inquietações. Diadorim, ao contrário, mesmo depois de muitos anos, provavelmente décadas, ainda provoca em Riobaldo sentimentos desconcertantes, propondo-lhe questões para as quais o ex-jagunço não consegue encontrar nenhuma explicação satisfatória. Riobaldo e Otacília vivem uma relação bem-sucedida; e, como observou Luís Bueno (2015, p.

140) sobre o amor de outro casal muito conhecido na literatura brasileira, Fabiano e Sinha Vitória, os amores felizes não produzem histórias:

O amor já infeliz, ou aquele que luta para se concretizar num relacionamento, com o risco sempre presente de trazer a infelicidade aos amantes, ou a um deles pelo menos – esse é que gera histórias de amor. A aventura amorosa, num caso e noutro, é alimentada pela infelicidade.

José Miguel Wisnik (1987) também traz reflexões relevantes a essa discussão. Em estudo sobre *Tristão e Isolda*, narrativa considerada matriz das histórias de amor-paixão (vale dizer, das histórias de amores infelizes), Wisnik (1987, p. 208) afirma que esse tipo de amor é fortemente marcado pelo “anseio de ilimitado”, pelo desejo do absoluto. É o que pode ser observado, por exemplo, neste trecho:

Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (Rosa, 2006, p. 495).

Muitos elementos indicam o “anseio de ilimitado”, como o fato de a beleza de Diadorim “*reluzir*” “*fora de todo comum*” e de seus olhos serem de um “um verde... *como o de nenhum pasto*”, bem como o fato de remeter a alguma coisa que “o entender da gente não alcança”; por fim, a explicitação de que a experiência

amorosa transcende a experiência do viver ordinário culmina na aproximação da imagem de Diadorim à da santa de devoção de Riobaldo, Nossa Senhora da Abadia.

Esse tipo de amor, nas palavras de Wisnik (1987, p. 208), se alimenta “intensamente da sua impossibilidade”. Por isso, ainda segundo o estudioso, “o princípio da paixão se opõe ao do matrimônio” (Wisnik, 1987, p. 221). Corroborando e desenvolvendo a observação de Wisnik, Luis Bueno (2015) afirma que esse é o motivo de os contos de fadas e as comédias românticas de Hollywood acabarem quando o amor se realiza num “final feliz”: o casamento. “A aventura amorosa [...] é alimentada pela infelicidade. [...] Quando o amor é feliz, as aventuras cessam e a história acaba” (Bueno, 2015, p. 140).

As comédias românticas e os contos de fadas costumam terminar com o casamento porque esse é o

[...] momento delicado em que os amantes, colocados pela flutuação das vontades diante da imperfeição do outro (que implica a própria) e cessado o mágico encanto dado pela potência divina do entusiasmo [...] passional, ou se desiludem, ou convertem a paixão numa relação amorosa baseada na aceitação do limite e da carência (Wisnik, 1987, p. 104).

O amor de Riobaldo e Otacília tem muito desse amor que já atravessou o momento crítico do encontro com os limites do outro – e com os próprios; os dois são, como os personagens mencionados de *Vidas secas*, um “casal constituído, vivendo para além do final feliz e aquém do rompimento” (Bueno, 2015, p. 141).

Wisnik (1987, p. 221) cita um aforismo de Nietzsche em que se coloca, justamente, a oposição paixão/casamento, mas também uma possibilidade de conciliação entre eles que vale

a pena levar em consideração para o caso em questão: “O casamento foi inventado para os seres humanos medianos, que não são aptos nem para o grande amor nem para a grande amizade, portanto para a maioria. Mas também para aqueles raríssimos, que são aptos tanto para o grande amor quanto para a grande amizade”.

A amizade é uma dimensão importante do amor maduro de Riobaldo e Otacília. Ela pode ser observada no reconhecimento pelo cuidado, companheirismo e apoio que o ex-jagunço diz ter sempre encontrado na mulher, conforme trechos anteriormente citados. A então noiva de Riobaldo o compreendeu e apoiou, inclusive, quando, depois da morte de Diadorim, ele lhe disse que precisava de “uns tempos” para “nojo e emenda”. Sobre a reação da noiva, afirma Riobaldo: “Otacília me entendeu. [...] Ela tinha certeza de que eu ia retornar à Santa Catarina, renovar; e trajar terno de sarjão, flor no peito, sendo o da festa de casamento. Eu fui, com o coração feliz, por Otacília eu estava apaixonado” (Rosa, 2006, p. 603).

Riobaldo também tem admiração pela esposa, por suas qualidades pessoais: “Otacília era moça direta e opiniosa, sensata, mas de muita ação” (Rosa, 2006, p. 193). Foi o que ela demonstrou, por exemplo, quando, ao receber notícias de que Riobaldo estava doente, embrenhou-se no sertão para procurá-lo. Riobaldo muito se alegrou quando a viu chegar à fazenda de seo Ornelas, onde ele estava hospedado depois de ter adoecido após a morte de Diadorim:

Até que, um dia, eu estava repousando, no claro estar, em rede de algodão rendada. Alegria me espertou, um pressentimento. Quando eu olhei, vinha vindo uma moça. Otacília. [...] Meu coração rebateu, estava dizendo que o velho era sempre novo. Afirmando ao senhor,

minha Otacília ainda se orçava mais linda, me saudou com o salvável carinho, adiantando de amor (Rosa, 2006, p. 603).

O amor de Riobaldo por Otacília sobreviveu a muitos anos de casamento. Ele pode ser observado, também, na naturalidade (obviamente, ficta) com que o ex-jagunço a inclui em suas considerações sobre os mais variados assuntos. É com a naturalidade de quem se acostumou a levar sempre em conta o outro, porque o considera parte integrante de sua vida. E tem a sua opinião em alta conta. É o que se percebe, por exemplo, quando o ex-jagunço se refere ao seu hábito de recorrer a várias religiões e afirmar contar, para isso, com a aquiescência da mulher: “Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso” (Rosa, 2006, p. 16). Riobaldo demonstra, dessa forma, que considera sua mulher atilada e equilibrada, e, por isso, confia em seu julgamento. Como, aliás, também ocorre entre Fabiano e Sinha Vitória, conforme é discutido no texto de Luís Bueno anteriormente mencionado.

Em pequenas coisas do cotidiano, revela-se a forte ligação que se estabeleceu entre Riobaldo e Otacília na convivência conjugal, no dia a dia de seu amor realizado. Entretanto, como foi dito, Riobaldo fala bem menos dela que de Diadorim. *Grande sertão: veredas* coloca em foco é o amor-paixão, aquele que Riobaldo experimenta por seu companheiro dos tempos de jagunçagem: Diadorim é o amor mais “cantado” porque é o amor infeliz, o que não se realizou, o que trouxe infelicidade e sofrimento.

Vale lembrar, ainda, que o amor de Riobaldo por Diadorim é um tipo muito específico de amor-paixão. Os obstáculos que se colocaram a ele não eram somente de ordem exterior, como o são os que se colocam para Tristão e Isolda, ou para Romeu e Julieta, outra estória muito conhecida de amor-paixão. Para Riobaldo, eles são também de ordem íntima: trata-se de um amor conflituoso, contra o qual Riobaldo lutou, pois ameaçava, inclusive, a visão que ele tinha/tem de si mesmo: a de ser “um homem por mulheres”. O ex-jagunço sofre porque amou e perdeu Diadorim, mas também porque não consegue compreender a natureza do estranho sentimento que nutriu pelo companheiro de jagunçagem.

Na verdade, a situação é ainda mais perturbadora porque, como Riobaldo vem a saber posteriormente, ele não se apaixonou por um homem, mas por uma mulher que se vestia de homem e que incorporava os padrões de comportamento masculino daquele meio. Durante todo o tempo que o jagunço Tatarana, mais tarde chefe Urutú-Branco, passou no bando, Diadorim se caracterizou por apresentar traços singulares em relação aos demais jagunços. Embora fosse muito corajoso e lutasse com ferocidade ímpar,⁶ tinha características muito incomuns para os homens daquele meio. Diadorim, por exemplo, apreciava a beleza da natureza, e “ensinou” Riobaldo a apreciá-la também:

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vãos e pausação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar.

6 Esse é um momento em que Riobaldo descreve essa ferocidade: “Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto do campo, brabejando; cobra jararacuçu emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se passantes, dando febre no mato? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!” (Rosa, 2006, p. 158).

Mas o Reinaldo gostava: — “É formoso próprio...” — ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P’ra e p’ra, os bandos de patos se cruzavam. — “Vigia como são esses...” Eu olhava e me sossegava mais. [...] “É aquele lá: lindo!” Era o manuelzinho-da-croa, [...] — “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” — o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa (Rosa, 2006, p. 143).

Há inúmeros outros exemplos do comportamento destoante de Diadorim, como o fato de, ao contrário de seus companheiros de bando, que aproveitavam qualquer oportunidade para estar com mulheres (mesmo que precisassem usar de violência para isso), ele não se interessar por sexo e se sensibilizar com a situação das mulheres violentadas pelos membros do bando. Certa vez, depois de ouvir os companheiros contarem, se vangloriando, os estupros que cometeram, Diadorim disse a Riobaldo: “Mulher é gente tão infeliz...” (Rosa, 2006, p. 172).

O comportamento de Diadorim ultrapassa os limites do binarismo masculino/feminino, não se conforma às normas de inteligibilidade cultural da construção do gênero, confundindo Riobaldo. Diadorim não cabe em categorias estabelecidas, não é uma coisa nem outra, ou são as duas coisas ao mesmo tempo, o que problematiza o postulado lógico segundo o qual o mundo consiste em entidades distintas e claramente delimitadas. Essa indeterminação, essa impossibilidade de qualificar, de enquadrar Diadorim numa única classe de sujeitos, de classificá-lo, enfim, é causa de grande angústia para Riobaldo, que deseja respostas finais, unívocas, que caibam na lógica do “ou isso ou aquilo”, como foi dito.

Infinitas e imprecisáveis variáveis compõem a figura do(a) jagunço(a) Reinaldo-Diadorim-Deodorina. Alteridade irreduzível, ele não se unifica num nome nem se fecha num

gênero. Diadorim significa justamente tudo aquilo que perturba Riobaldo e que ele gostaria de poder expulsar do mundo. Nas palavras de João Adolfo Hansen (2012, p. 126):

Funcionalmente, Diadorim é uma condensação enigmática dos procedimentos de indeterminação [que caracterizam o livro], pois funciona como uma ausência que fundamenta e determina a duplicidade da memória de Riobaldo, que o lembra como diabo, homem, violência guerreira, homossexualidade, duplicidade, forma do falso, mas também, como Benedito Nunes mostrou, como *dáimon*, *donna angelicata*, mulher, Beatriz do mato, suavidade, integração e *virtus unitiva* do Eros.

É justamente por provocar tantas inquietações que Diadorim ocupa tão grande espaço na narração e nas reflexões de Riobaldo. Já Otacília, pode não ser o *telos* da travessia do ex-jagunço, para ele não há *telos*, mas também não é como um prêmio de consolação, como talvez possa parecer: é o amor possível, experimentado no plano da vida cotidiana. Nesse sentido, pode ser visto como rebaixado em relação ao amor-paixão, que almeja o ilimitado, o absoluto; de outra perspectiva, contudo, pode significar elevação, uma vez que integra amor e casamento pelo viés da amizade.

Referências

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: ARISTÓTELES. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 245-436.

BUENO, Luís. A presença do amor em *Vidas secas*. *Teresa*: revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 16, p. 135-150, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/teresa/article/view/115420>. Acesso em: 27 jul. 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. Tradução de Cecilia Holteman. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/270437624>. Acesso em: 27 jul. 2025.

CANDIDO, Antonio. *Grande sertão: veredas*: Antonio Candido sobre Guimarães Rosa. *Jornal GGN*, 3 maio 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ&t=29s>. Acesso em: 27 jul. 2025.

HANSEN, João Adolfo. Forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 120-130, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/11308/7713>. Acesso em: 27 jul. 2025.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. PINHEIRO, Victor Sales (org.). *A Rosa o que é de Rosa*: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 37-77.

RÓNAI, Paulo. *Rosiana*: uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.

WISNIK, José Miguel. A paixão dionisiaca em Tristão e Isolda. *In: CARDOSO, Sérgio et al. Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 195-227.